

Jovens e Cibercultura Digital

Luís Moniz Pereira

NOVA LINCS, Departamento de Informática, Universidade Nova de Lisboa

Resumo

O impacto da Cibercultura, dos dispositivos digitais nos jovens enquanto extensões do seu corpo, pode ser visto em termos do decréscimo da estruturação de pensamento e informação, acréscimo da impulsividade na percepção e acção, e no desenvolvimento de mecanismos de defesa mais primitivos. Estes impactos adversos resultam num sentimento de isolamento e desvalorização, em frustração no presente e incerteza no futuro, em exteriorização e identidades flutuantes, nas identificações miméticas e adesivas, em menor coesão do self, e numa diminuída tolerância ao outro

Cibercultura, Simbiose, e Sincretismo

Pretendi identificar o que é importante na imensidade do que hoje em dia se chama “Cibercultura,” tentando encontrar conceitos estruturais e estruturantes. Identifiquei dois. Um prende-se com a diluição, nomeadamente com o conceito de “sincretismo”. O outro, o de “simbiose”, remete para uma individualidade contributiva e construtiva num oceano em comum de individualidades.

A questão simbiose/sincretismo nasce de longe, uma problemática inerente à própria vida biológica. As bactérias tiveram por força de cooperar simbioticamente para formar eucariotas, seres vivos uni- ou multi-celulares com células contendo já um núcleo individualizado, separado do citoplasma por uma membrana envolvente. As células eucarióticas formaram-se por associações de bactérias. Mantêm destas últimas, com individualidade própria dentro da célula eucariótica, entidades auto-replicas que são as mitocôndrias. Além disso, foram adoptados organelos de outras células eucarióticas (viz. das algas verdes primitivas e unicelulares). Tudo entidades participantes na cooperação metabólica global que constitui uma célula com núcleo.

A problemática da individualidade/diluição, da simbiose/sincretismo, recorre e emerge depois em sucessivos níveis: dos órgãos ao organismo, deste ao indivíduo, deste ao grupo, deste à sociedade, e desta última às redes de informação e à info-ecologia digital planetária.

“Cibercultura” compreende a comunicação cultural através de tecnologia; a emergência de comportamentos culturais numa rede tecnológica; e a influência cultural e controlo da comunicação e dos comportamentos nessa rede.. A cibercultura abrange portanto a emergência em rede de comportamentos enculturantes – e isto é novo – porque a emergência é aquilo que ocorre quando se juntam várias coisas prévias, e aparecem nesse conjunto novas entidades e novos fenómenos que não estavam previstos à partida.

É extremamente importante estudarmos a emergência, porque quando colocamos todas as muitas entidades juntas – algumas inteiramente novas – na rede mundial, há novas coisas que vão emergir. Vão surgir entidades e comportamentos novos, ajustados ao novo sistema de interações co-dependentes. Podemos dizer que estamos ainda numa fase digamos infantil da emergência em rede, na qual provavelmente nos vamos diluir. Põe-se a questão de até que ponto nos vamos diluir sincreticamente, ou até que ponto iremos introduzir, individualmente ou em grupo, alguma parcela de estruturação simbiótica.

O Foco nos Jovens

O impacto do que nos vai acontecer no futuro, a prazo, vai ser muito a resultante do que de importante vai acontecer aos jovens no seu desenvolvimento com a *web*. Como é que os nossos filhos e netos vão ser afectados por esta fase, a da conquista de identidade num ambiente que é mormente o de uma diluição?

Por isso, pela importância que tal diluição tem para o desenvolvimento futuro do nosso próprio e actual estágio conjunto infantil na *web*, vou focar-me aqui sobretudo na problemática do desenvolvimento identitário dos jovens nesta época envolvente da *web*.

Até agora, não tem sido prestada muita atenção a esta problemática, excepto por autores de matriz psicanalítica. Em particular, atenção às razões ou motivos que levam as pessoas jovens a estarem cada vez mais juntas pela *net* e simultaneamente mais sós, segundo o título lapidário do livro de Turkle (2011), “Alone Together”.

O tecnologia digital tem imprimido mudanças profundas nos hábitos de vida, na rapidez da comunicação interpessoal, e na qualidade das relações, cf. Gonçalves (2016). Para os jovens, os dispositivos digitais são extensões do próprio corpo, indissociáveis do sentimento de *self*, viz. Turkle (2011), e da identidade de grupo, cf. Lemma (2013). Os limites entre mundo virtual e realidade externa ficam diluídos, e o *self* pode, onipotente, perder as referências organizadoras das circunstâncias reais, viz. Lemma (2013).

Qual a influência destas mudanças na vida subjectiva dos jovens e no seu desenvolvimento, viz. Gonçalves (2016)? Há mais impulsividade, actividade e percepção, mas menos pensamento estruturante da informação. Não há tempo para organizar a informação. Os mecanismos (psicanalíticos) de defesa são pois mais primitivos, dando-se por isso mesmo uma maior clivagem do *self*, uma maior denegação e uma maior tendência para as identificações adesivas.

Tais mudanças na vida subjectiva dos jovens não respondem às suas necessidades evolutivas e

emocionais, viz. Gonçalves (2016). As tensões entre as necessidades internas e as determinações externas aumentam, a sua resolução frustra-se e, em linguagem psicanalítica, passa a haver menos recalçamento (mecanismo que mantém no inconsciente emoções, pulsões, afectos, etc.), e menos deslocamento (transferência inconsciente de uma emoção intensa acerca do objecto de origem para outro). Diminuem também a paciência, a atenção e concentração, a tolerância à frustração, à espera, e à incerteza, viz. Bilbao (2016), de tal modo os estímulos são rápidos. A ligação à net cria uma dependência tal que precisa ser contínua, cf. Kardaras (2016).

Há pois mais exteriorização (vive-se mais para o que é externo), e portanto menos interioridade e coesão do *self*. A própria dispersão parental, quando ocasionada em permanência e diariamente por essa mesma tecnologia digital, agrava no jovem o sentimento de isolamento e de auto desvalorização. Cria-se a necessidade aditiva de ver respostas imediatas aos *postings* cujo retorno produz bioquimicamente prazer, como se mostra em laboratório.

A ligação permanente à rede, e o estar amarrado aos seus dispositivos, não favorece a independência em relação ao objecto – o outro –, nem a elaboração mental em virtude da sua ausência, viz. Turkle (2011). A rede é um prolongamento de nós e dos nossos avatares. Podem criar-se alter egos, não consolidando nenhum ego em particular por ser mais fácil permanecer diluído entre alter egos. Tal leva a situações esquizóides.

Compromete-se obviamente a construção de uma identidade própria sólida, com diferenciação bem definida, que é essencial à criatividade, à consolidação, e à segurança.

Põe-se em causa também o trabalho psíquico da des-idealização da imagem dos pais. O jovem passa para uma fusão mais vasta ao invés de se esforçar por se libertar da fusão parental. Compromete-se assim a capacidade de estar só, consigo mesmo. Perde-se o historial de realidade, no espaço e no tempo. Nega-se a identidade pessoal por via das sempre disponíveis identidades flutuantes, patentes nos perfis pessoais fornecidos nas redes sociais e nos avatares de jogos. Pode mesmo negar-se a diferença sexual. Em súpula, não se tiram boas lições pela alienação demasiado fácil no mundo virtual relacional e das oportunidades aparentes.

Por tudo isto, reforçam-se as identificações miméticas e adesivas, viz. Gonçalves (2016). Tem-se tendência a dizer “sou igual àquele” ou “eu rejeito aquele”. Estabelece-se um crescer por mimetismo e adesão dependentes, e não por construção própria.

Simbiose e Sincretismo

Tenho estado a pôr nos dois pratos da balança o sincretismo e a simbiose. São necessários

ambos. O problema que levanto é haver cada vez mais sincretismo e menos simbiose. Arriscamos a diluirmo-nos como seres individuais na info-ecologia do planeta, na rede semântica global, e a perder a identidade. Podemos vir a diluirmo-nos num superorganismo.

Em súpula dir-se-ia que na Cibercultura, para os jovens:

Há sincretismo a mais e simbiose a menos.

Falta uma maior co-construção do conhecimento.

Falta um maior e mais independente aprofundamento cognitivo pessoal.

Falta a capacidade para o estar só, ao invés do *Alone Together*.

É pois o próprio desenvolvimento cognitivo das novas gerações que está em causa. O que isso significa para a humanidade como um todo, e para as gerações seguintes, é que cada vez existe mais “o estar juntos mas sós”. Perde-se o face-a-face e a relação como um todo. Cada um está no seu *smartphone*. No Facebook, ou outras redes sociais, cada um está a controlar o que diz. Hoje os jovens não gostam de telefonar, pois o telefone abre as conversas e sabe-se lá por onde podem ir e quanto podem demorar. Nem sequer gostam do email, porque este também é demasiado aberto em extensão, e fica pendente mais tempo, à espera de respostas mais elaboradas. Preferem o *SMS* compacto e controlado, com duas linhas, e se uma troca de mensagens não agrada largam-na e saltam para uma outra, Sherry Turkle (2011).

Causalidade e Livre Arbítrio

A causalidade simbiótica ocorre devido à persistência de uma forte determinação interna, de dentro para fora. O indivíduo quer fazer isto ou aquilo, e tem as suas razões pessoais e rasto histórico para o querer fazer, com vista a influenciar o externo e para evitar ser dominado por causas externas. A causalidade sincrética é submergida pela determinação externa, ocorre de fora para dentro. A pessoa está diluída perante os estímulos externos constantemente a bombardear, sem tempo para elaborar e contrapor uma causalidade em sentido contrário, de dentro para fora. Então reage por impulso com *sound bytes* de ocasião, muita vez “chutando para canto”.

Cyber-selves – distribuídos ou não?

No cruzamento tecnológico cibercultural em que nos encontramos, poderemos nós a todo o custo manter uma individualidade, quiçá simbiótica, ou iremos antes soçobrar perante as sinergias sincréticas invasivas? Desejamos a todo o custo reter e afirmar uma individualidade, ou inevitavelmente acabaremos por nos diluir nas identidades do grupo? Poderemos resistir, ou vamos render-nos à sinergia invasiva e sincrética do futebol dos média? Ou à diluição nos *reality shows* dos telejornais, em episódios diários?

Na cibercultura em formação, são muito importantes as noções nucleares de *self*, separação e individualidade. Estas, com tanta ênfase na “cultura ocidental”, não são tão relevantes noutras culturas. No Ocidente, é conhecido que os conceitos de *self*, separação e individuação são muito vinculados, e contrastam com outras culturas, nomeadamente no Oriente. Lá, a unidade de identidade não é a da representação interna de si e do outro, mas a da família ou da comunidade onde o *self* se distribui e à qual dá prioridade (Lemma, 2013, p. 164).

A sageza do Oriente poderá ser relevante para a cibercultura do Ocidente, viz. Roland (1988). Lá, o indivíduo pergunta-se como pode em simbiose contribuir mais, dando prioridade ao todo, ao invés do como se pode defender mais, cada um dando sincreticamente mais prioridade a si.

Referências

Bilbao, A. (2016). *O cérebro da criança explicado aos pais*. Lisboa: Editorial Planeta.

Gonçalves, M. J. (2016). *Nascer e Crescer na Era Digital*. Conferência a 31 de Março de 2016. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

Kardaras, N. (2016). *Glow Kids*. New York City: St. Martin's Press.

Lemma, A. (2013). *Introduction to the practice of psychoanalytic psychotherapy*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.

Roland, A. (1988). *In Search of Self in India and Japan: Toward a Cross-Cultural Psychology*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Turkle, S. (2011). *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. Cambridge, MA: The MIT Press.